

Título **Prima ku Lebsi**

Realizado por Welket Bungué

Prima e Lebsi são jovens mulheres sonhadoras, crias da grande Lisboa. Um inesperado affair amoroso entrelaça-as, revelando um life style que envolve relações paralelas com pessoas e crenças. Numa atmosfera aflorada de contradições e de desejos, hedonismo surge como força-motriz neste romance sáfico urbano, que é ritmado pela música e a liberdade dos corpos.

Descrição:

Prima e Lebsi são duas jovens mulheres, afrodescendentes, filhas de imigrantes que se conhecem na ocasionalidade de uma festa caseira, no aniversário de Prima. Lebsi namora com Rave, um jovem street dancer que ganha a vida dançando nas ruas do centro de Lisboa, têm uma filha em comum. Prima é orfã de pai e mãe, e aprendeu a desenvencilhar-se muito cedo, no Bairro da Nossa Senhora, ela é considerada por todos como a melhor produtora de beats de hip-hop e trap. Rimando e desviando dos infortúnios da vida, Prima encontrou na venda de erva a sua alternativa para gerar dinheiro e pagar contas. Neste romance urbano antecedido por dois filmes centrados em personagens masculinas, há uma intenção artística de trazer a vibração feminina como aditivo dramático essencial. O universo dos jovens neste filme de encerramento provoca-nos uma sensação ígnea, procura celebrar as relações interétnicas e homoafetivas, o hedonismo juvenil, e a disrupção comportamental quanto às noções de género. 'Prima ku Lebsi' pensa as relações, apontando para o empoderamento social da mulher emancipada, no contexto da periferia lisboeta. Prima Ku Lebsi encerra a trilogia "Sonhos de Cor", composta por Bastien (2016) e Arriaga (2019).

Curta-metragem de Ficção, Drama Urbano, Romance Sáfico 25' Cor 16:9, Diálogos, Português, Portugal 2024



Créditos

Nádia Yracema
PRIMA

Carla Monteiro
LEBSI

Joãozinho da Costa
RAVE

Bruno Huca
RYUKA

Carlos Kangoma
LUCY

Argumento e Realização
Welket Bungué

Assistentes de Realização
Ana Mariz
Duarte Lima

Continuidade
Laís Andrade

Direção de Fotografia
Miguel Munhá

Chefe de Iluminação
Nuno Vieira

Assistente de Iluminação
José Carlos Garcia

Focus Puller
Felipe Drehmer

2ª Assistente de Imagem
S. K. Camilo

Direção de Som
Miguel Coelho

Direção de Arte

Miguel Morazzo

Assistente de Direção de Arte
Célia Morazzo

Montagem
Paula Trojany

Produtor
André Lourenço

Direção de Produção
Alesa Herero
Welket Bungué

Produção Executiva
André Lourenço

Assistentes de Produção
André Pedro
Diogo Albarran
Lilibeth Ovideo
Emma Santos

Guarda-Roupa
Mónica Lafayette

Assistente de Guarda-Roupa
Andreia Matos

Design de Maquilhagem e Cabelos
Sara Menitra

Supervisora de Maquilhagem
Sandra Melo

Cabeleireira
Sol Kalanda Lemos

Edição Montagem de Imagem
Elisabete Mendes

Finalização Montagem de Imagem
Ana Costa

Coordenadora de Pós-Produção

Maria Batista

Edição de Som
Débora Oliveira

Misturas
Joana Niza Braga c.a.s

Correção de Cor
Jennifer Mendes c.s.i

Estúdios de Pós-produção
Loudness Films

Montagem Trailer Oficial
Welsau Bangué

Tradução
Welket Bangué

Sincronização de Legendas
Welket Bangué

Poster Oficial
Welket Bangué

Fotografia de Cena
Manuel Manso

Parceiro Media de Comunicação
BANTUMEN

As músicas que compõem a banda sonora deste filme, foram graciosamente cedidas pelos próprios artistas.

Tito Paris "Curti bo Life"
Bruno Huca "Curti bo Life" (Original Cover Mix)

Venga Venga "Mama"
Composições: Denny Azevedo
Letras: Ricardo Don
Produção Musical: FurmigaDub (Lajedo Estúdio)
Participações: Ella Nepomuceno e Mamá
Distribuição Digital: Tratore

Venga Venga "Extraviados"

Composições: Denny Azevedo
Letras: Ricardo Don
Direção Musical: Vinicius Big John
Produção Eletrônica: Cigarra
Mix master: Felipe Julian (Craca)
Gravado no Estúdio 12 Dólares, em São Paulo

Diima “Korson di Tambur”
Composição: Dima Dahaba, Juca Delgado
Letra: Dima Dahaba, Juca Delgado
Produção Musical: Diima, Juca Delgado
Participação Especial: Eneida Marta
Gravado no Estúdio Bissilon Sound, em Bissau

Crowd
Lilibeth Ovideo

Participações Especiais
Denny Azevedo e Ricardo Don aka Venga Venga, Alesa Herero, Nur Brito, Ana Palma
Gisela Calhau, Ágata Cigarra, Azul Barbosa Meira

Convivas
Al Jarreau Ionhinte, David Amado, Fátima Pereira Pimentel, Herlander, Igor Silva
Miss Soya, Rodolfo Freitas, Shaunne Jason, Raquel ‘Darkskingyal’ Borges, Max Rivera Rios

Figuração
Ramatulay Embaló, Djalicato Camará, Guilherme Santos, Maria Fernanda Souza
Nicole Carvalho, Augusta e Latoia Matias, Daiana Malú, Melany de Pina, Rainha N’ Badje

Sala de Ensaios
Pólo Cultural das Gaivotas

Produção
Arranca Produções
Kussa Productions

Agradecimentos Especiais
Mariana Rydin, Elisabete Mendes, Kristin Bethge, Sra. Maria de Fátima Alatrache e Família
Nú Barreto, Paulo Gomes, Jani Zhao, Wilis Indequi, Maíra Zenun, Gisela Casimiro
Patrícia Silva, Ana de Almeida, Hangar - Centro de Investigação Artística
Afonso Silva de Brito, João Portela, Fouad, Lennox, Paulo Alexx Valente

Agradecimentos Especiais da Produção
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, Mónica Bárcia
Loudness Films, Kalaf Epalanga, Lisboa Criola, Dino D’Santiago, Aristides Paris
Tito Paris, Miguel Valverde

Website Oficial

www.kussaproductions.com

Este projeto foi financiado pelo Programa de Apoio a Curtas-Metragens 2020
Atribuído pela Fundação GDA

Este filme contou com o apoio por mecenato da BATUKU RECORDS

Este filme foi agraciado com o Fundo de Apoio ao Cinema 2023 - 9ª Edição,
atribuído pelo júri composto por Markus Duffner, Philip Ilson, Rita Braga
Organizado por IndieLisboa, agregado aos parceiros Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias, Digital Mix Música, Fundação GDA, Portugal Film e The Yellow Color

In memoriam MARIAMA PEREIRA e RICARDO RAMIRES

Que a vida seja sempre dança.

KUSSA Productions & ARRANCA Produções © 2024

—

Trajétória artística do Realizador

Welket Bungué nasceu em 1988 na Guiné-Bissau. O guineense-português de etnia balanta, reside em Berlim desde 2019. Bungué é um artista transdisciplinar com foco nas artes cénicas e no vídeo performance. A sua educação intercultural agregando as suas heranças africanas, a as vivências europeias, e as influências adquiridas no Brasil, fazem dele um cidadão-artista em trânsito permanentemente.

Welket é co-fundador da produtora KUSSA, faz locução para entidades internacionais, desenvolve Escrita Dramática, Argumento de Cinema, Performances e Teatro. É licenciado em Teatro no ramo de Atores (ESTC/Lisboa) e pós-graduado em Performance (UniRio/RJ).

Bungué é cooperador-membro da Fundação GDA, é Membro Permanente da Academia Portuguesa de Cinema desde 2015, membro da Deutsche Filmakademie desde 2020, e em 2021 tornou-se membro da Academia Europeia de Cinema. Bungué é artista integrante do Arsenal - Institute for Film and Video Art (Berlim), e desde 2021 que os seus filmes fazem parte do acervo da instituição.

O seu trabalho artístico investiga práticas anti-colonialistas e de afirmação africana-diaspórica, visando a criação de capacidades de auto-empoderamento e cura. A filmografia de Bungué pressupõe um ecossistema de liberdade criativa, um convite a abandonar narrativas endurecidas e a lançar-se em novas possibilidades de pensamento, resiliência, e simultaneidade identitária.

Os seus filmes têm circulado internacionalmente por inúmeros festivais de cinema tais como Berlinale, ABFF (EUA), Africlap (França), Zanzibar IFF, Afrikamera (Berlim), BFI Londres e Sheffield DocFest (Reino Unido), IndieLisboa, DocLisboa, Curta Cinema IFF (RJ, Brasil), bem como o Dansfilmfestival de Estocolmo. O repertório cinematográfico de Welket reúne mais de 25 criações, incluindo as curtas-metragens 'Memória' (2022), 'Mudança' (2020), 'Intervenção Jah' (2019), 'Eu Não Sou Pilatus' (2019), 'Arriaga' (2019) e 'Bastien' (2016).

Em 2019 foi distinguido com o prémio “Angela Award - On The Move” no Subtitle Festival em Kilkenny, na Irlanda. Em 2020 Welket é o protagonista de 'Berlin Alexanderplatz' (Comp. Intl. Berlinale 2020), realizado por Burhan Qurbani. A sua interpretação valeu-lhe uma indicação ao Urso de Prata, uma nomeação como “Melhor Ator Principal” nos prémios LOLA da Academia Alemã de Cinema (Deutscher Filmpreis), e ainda o prémio “Cavalo de Alumínio” para “Melhor Ator” no Festival Internacional de Cinema de Estocolmo.

Em junho de 2022 Welket lançou o seu primeiro livro 'Corpo Periférico' na plataforma Amazon, trata-se de um ensaio autobiográfico sobre a produção de cinema de autor com base no conceito homónimo de "cinema de autorrepresentação”.



Palavras do Realizador

A juventude hoje é movida por um intenso desejo de liberdade. Liberdade financeira, social, sexual, vital. Quer-se ser o que se deseja, e isso na maioria dos casos tem a ver com os ídolos em projeção. Na Era da Imagem em que vivemos, onde o consumismo e o acesso aos conteúdos estão democratizados é mais fácil “procurar” do que propriamente “encontrar” justamente porque a oferta é muita. Em curtos parágrafos enumeram-se assim algumas linhas

que orientam a origem dos problemas de desorientação, desânimo, pseudo-felicidade ou arrivismo social comunitário, que flutua naquela que é a personalidade coletiva, - podemos até dizer “global”, que é caracterizante da juventude de hoje.

Em Lisboa especificamente, existe um movimento crescente de jovens que se evidenciam nas redes sociais como youtubers, bloggers, comediantes, que impressivamente se tornam influencers de um grupo massivo de seguidores, desconstruindo assim a ideia clássica de ícone/ídolo inacessível e transcendente. Estes jovens criam os seus próprios conteúdos, e através disso conseguem ganhos, popularidade e passam a ter legiões de seguidores que os têm como referência em vários aspetos. Ao mesmo tempo que este fenómeno se verifica nas zonas periféricas da capital, esses mesmos jovens não têm visibilidade nos mass media, o que torna o caso *sui generis* - pois muito rapidamente a razão social e económica surge associado à não promoção destes jovens maioritariamente de origem afrodescendente, e que não estão articulados com os empreendimentos de comunicação e agenciamento de talentos ou de figuras públicas.

Acredito que ainda há muito para ser contado, tendo como fundo as vivências nas zonas periféricas de Lisboa, lugares com potencial disruptivo, mas ainda adormecidos. E digo isto porque tanto em BASTIEN como em ARRIAGA procurei arriscar e trazer narrativas insubmissas, e relativamente genuínas, ainda que usando essa leitura social estereotipada para ficcionar. Ficções que procuraram emocionar, mas sensibilizando através de uma moralidade subentendida em que se admoesta o jovem, mostrando-lhe qual o caminho a não rumar, e por conseguinte induzi-lo a tentar outros, melhores, ou completamente diferentes.

PRIMA ku LEBSI não é um filme sobre violência e sim sobre liberdade. Liberdade de género enquanto rótulo substantivo para catalogar comportamentos, raças, orientações ou classe. Nesta estória temos o confronto ideológico sintomático entre o desejo de abandonar a periferia (lugar de exclusão) e ir para o centro (lugar de oportunidades), ou então ficar na zona (periferia como casa) e aí se reinventar descentralizando os acessos a conteúdos, costumes, tradições e iniciativas comunitárias que aí deveriam insurgir como eventos únicos e atrativos. E desse modo levar a um despertar do interesse, e da convergência de novos públicos para esses lugares situados nas áreas limítrofes da cidade de Lisboa (bairros sub-urbanizados).

Prima e Lebsi são duas jovens mulheres, afrodescendentes, filhas de imigrantes conhecem-se na ocasionalidade de uma festa caseira, no aniversário de Prima. Lebsi namora com Rave, um jovem street dancer que ganha a vida dançando nas ruas do centro de Lisboa, têm uma filha em comum. Prima é órfã de pai e mãe e aprendeu a desenvencilhar-se muito cedo, é considerada por todos lá no Bairro como a melhor produtora de beats de hip-hop e trap, mas encontrou na venda de erva a sua alternativa para gerar dinheiro e pagar contas. Existe aqui uma intenção artística de trazer para esta saga a vibração feminina como aditivo dramático essencial. Esta sensação ígnea, procura celebrar as relações interétnicas e homoafetivas, o hedonismo juvenil, e a disrupção comportamental quanto às noções de género. 'Prima ku Lebsi' pensa as relações, apontando para o empoderamento social da mulher emancipada, no contexto da periferia lisboeta.